

Referências

BARONE, L.A. Assistência técnica aos assentamentos de reforma agrária: da política relativa ao vazio de projeto – o caso do Estado de São Paulo. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, Nupedor/Unesp, ano VI, nº 8, 2000.

BEDUSCHI FILHO, L.C. **Assentamentos rurais e conservação da natureza**. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2003.

BRAGA, B. et ali. **Introdução à engenharia ambiental**. 2. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DIAS, G.F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 6. Ed. São Paulo: Gaia, 2000.

FERNANDES, B. M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ITESP, São Paulo. **Pontal Verde**: Plano de recuperação ambiental nos assentamentos do Pontal do Paranapanema. ITESP. São Paulo, 2001.

LEITE, J.F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo, Hucitec, 1998.

TUNDISI, J.G.; TUNDISI, T.M.; ROCHA, O. Ecossistemas de Águas Interiores. In: BRAGA, B.; TUNDISI, J.G.; REBOUÇAS, A.C. (Orgs.) **Águas Doces no Brasil**: Capital Ecológico, Uso e Conservação. 2. Ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE AGROECOLOGIA DO MST: A BUSCA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA “SUPERADORA”

Juliana Moreira da Costa¹

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti²

Resumo: Este trabalho refere-se a reflexões feitas acerca da experiência obtida na disciplina de Educação Física no curso de nível médio integrado ao técnico em Agroecologia do MST. Com a parceria entre instituições de ensino, associações de técnicos agropecuários, a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, o curso teve início em setembro de 2007 em Presidente Prudente, no oeste do Estado de São Paulo. Sua previsão de término é em 2010. O referido curso apresenta características diferenciadas dos cursos tradicionais, como a pedagogia da alternância e a forma de organização dos educandos que apresenta imensa proximidade com a disciplina do MST. Esta traz fortemente as bandeiras de luta defendidas pelo Movimento e procura enfatizar as metodologias organizacionais de trabalho e valorizar o seu acervo político-cultural. A partir da ministração da disciplina de Educação Física, associada à técnica da observação participante, buscou-se analisar os avanços que o curso proporcionou aos jovens, no que diz respeito à formação crítica. Constatou-se que as aulas de Educação Física foram importantes para uma reflexão acerca do tempo livre e do lazer, das relações interpessoais e, principalmente, em relação às mulheres. O contato com a Cultura Corporal, associada à reflexão crítica e à discussão, trouxe o reconhecimento da possibilidade de contestação e auto-organização em relação ao lazer, além da mudança de opinião em relação à Cultura Corporal como possibilidade de lazer e cultura.

¹ Graduanda do Curso de Educação Física da FCT/Unesp – Presidente Prudente-juef.unesp@yahoo.com.br.

² Professora Assistente-Doutora do Depto. de Educação da FCT/Unesp – Presidente Prudente-rotta@fct.unesp.br

Palavras-Chave: Educação, Educação Física, Lazer, Cultura Corporal.

Introdução

“Precisamos acreditar que podemos fazer possíveis os sonhos aparentemente impossíveis, desde que vivamos esse existir-se, verdadeiro. São eles, os sonhos e o existencial-se, que nos permitem irmos nos fazendo sempre seres de luta pela libertação, seres mais”

Anita Maria Araújo Freire

Este texto refere - se a reflexões acerca da experiência na disciplina de Educação Física do curso de nível médio integrado ao técnico em agroecologia do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Este curso é uma consolidação de uma das bandeiras de luta do MST, a luta pela reforma agrária também na Educação. O curso teve início em setembro de 2007 e acontece com a metodologia da Pedagogia da Alternância, onde os educandos passam três meses em forma de internato no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, em Presidente Prudente e depois três meses em casa, no chamado tempo comunidade. Durante esse período eles desenvolvem atividades nos assentamento ou acampamento que residem.

O curso conta como parceiros a Faculdade de Engenharia Agrícola –FEAGRI/UNICAMP, o Colégio Técnico Unicamp – COTUCA, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS, a Superintendência Regional do INCRA/SP, a Associação Estadual de Cooperação Agrícola – AESCA / SP, o Centro de Formação Sócio Agrícola Dom Hélder Câmara, o Instituto de Capacitação e Pesquisa em Agroecologia Laudenor de Souza, o Instituto Giramundo Mutuando, o Parque Estadual Morro do Diabo, o Instituto de Pesquisas Ecológicas-IPÊ e a Prefeitura Municipal de Teodoro Sampaio/ SP.

Durante o curso, especificamente na disciplina de Educação Física, observou-se avanços no que diz respeito à formação dos jovens e ao seu desenvolvimento em relação à consciência crítica, trabalho coletivo e participação nas decisões. É sobre este desenvolvimento que trata este texto. Sem querer esgotar o tema, relata a experiência de aulas, acompanhada de uma reflexão teórica sobre a formação dentro de um curso para técnicos em agroecologia do MST. A proposta é avaliar como a Educação Física pode contribuir para esta formação “superadora”.

Os Problemas encontrados

Quando assumiu-se³ as aulas de Educação Física neste curso, revelaram-se os problemas encontrados na maioria das escolas públicas. Problemas no modelo estrutural da Educação Brasileira.

Na sala de aula havia 62 alunos, de idades variadas, em sua maioria jovens, uma bola de futebol de campo e os espaços do Colégio Agrícola, que conta com uma sala de aula, um campo de futebol com uma das traves quebradas e uma quadra de futebol de salão em péssimas condições.

Objetivou-se, de início, não levar a Educação Física tradicional para os jovens do MST, não considerar o corpo como uma parte desprezada da cabeça, como muitas vezes acontece nas aulas de Educação Física tradicional. A intenção era trabalhar algo que fosse realmente significativo no dia a dia do assentamento e que levasse em conta a concepção e os princípios pedagógicos do MST. A proposta pedagógica de formação do homem integral, a partir de uma relação trabalho/educação voltada para o desenvolvimento da produção dos assentamentos e a proposta de auto-gestão da escola (BEZERRA NETO, 1999).

As abordagens críticas da Educação Física, que aqui denominamos “superadora”, propõem que esta disciplina, no ensino formal, esteja fundamentalmente ligada aos elementos da Cultura Corporal. Essa que é a materialização de um modelo socialmente elaborado portador de significados do mundo objetual, das suas propriedades, relações e nexos descobertos pela prática social conjunta. Estes elementos são definidos como:

(...) o conjunto de práticas corporais (jogos, brincadeiras, ginástica, lutas, esporte, a capoeira e outros) construídas historicamente pelo homem, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração, denominamos essa área de conhecimento que se constrói a partir das atividades corporais de “Cultura Corporal” (TAFFAREL, TEIXEIRA, 2006, p. 3).

³ A graduanda de Educação Física Juliana Moreira da Costa participou como docente nesta disciplina específica no período de setembro de 2007 a março de 2008, ocasião das duas primeiras etapas do curso de Agroecologia do MST. As reflexões deste trabalho são oriundas desta experiência.

Betti e Zuliani (2002) nos orientam quando nos dizem que no Ensino Médio a Educação Física deve apresentar características próprias e inovadoras, que considerem a nova fase cognitiva e afetivo-social atingida pelos adolescentes. Nesta fase, os objetivos mais específicos da Educação Física são os de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. Poderão ser trabalhados, de forma mais complexa, aspectos teóricos, pois o pensamento lógico e abstrato, a capacidade de análise e de crítica já presentes nessa faixa etária permitem uma aquisição maior de conhecimentos vinculados às práticas corporais ligadas ao lazer, à saúde, ao bem estar. Por fim, objetiva-se o posicionamento crítico frente ao sistema esportivo profissional e, enfim, levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais.

Associada às abordagens críticas, procurou-se trabalhar com a concepção de aulas abertas às experiências. Nessa concepção, a aula de Educação Física é considerada como um sistema de ação aberto, onde o professor abdica de um planejamento rígido e do monopólio das decisões, oferecendo espaço para ações e decisões, dando oportunidade aos alunos de trazer, para a aula, imaginações, idéias e interesses em relação à Cultura Corporal. No planejamento das aulas se fazem necessárias reflexões e discussões acerca dos conteúdos. Essas reflexões e discussões partem da socialização no decorrer dessas aulas, quando o aluno, a partir dessas reflexões críticas, reconhece que é um sujeito histórico e que sabe atuar autonomamente.

Escolheu-se este tipo de concepção e metodologia porque acredita-se que o professor deve respeitar as diferenças encontradas na realidade dos educandos. Apesar de se tratar de jovens, com características semelhantes aos jovens da cidade, estes alunos trazem inúmeros costumes advindos da vida no campo, como dificuldades de aprendizado, outros padrões de estética, costumes de práticas corporais específicas (montaria e o trabalhar na roça) formando um acervo cultural que não pode ser descartado.

Levou-se em consideração algumas orientações teóricas. Bock (apud LIMA et al. 2005) faz uma crítica ao entendimento da adolescência como conseqüência do desenvolvimento do ser humano, como uma fase entre o final da infância e o início da vida adulta. Este autor acredita que a adolescência é algo mais complexo, que precisa ser entendida no conjunto das relações sociais e que a idéia de adolescentes é, portanto, uma construção histórico-social. Complementa esta tese afirmando qualquer fato só pode ser entendido a partir de sua inserção na totalidade e é exatamente por isso que não se pode deixar de lado a multiplicidade de valores e de diferenças de classe que acaba estabelecendo culturalmente experiências específicas do ser jovem (BOCK apud LIMA et al., 2005). Afinal a adolescência não é sempre a mesma em

todos os lugares, apresenta diferentes significações relacionadas à cultura e classe social as quais o jovem se filia.

Uma outra contribuição neste sentido nos traz Whitaker e Souza (2006). Estes autores trazem a reflexão de que existe um equívoco no que diz respeito ao processo educacional oferecido à criança e ao jovem do campo. Criticam a idéia de que é preciso dar uma educação que ajudem a “fixa-los” na terra, para garantir o desenvolvimento do Assentamento de reforma agrária (p.114). Os autores propõem uma educação libertadora que deve “dar aos sujeitos a capacidade de fazer suas próprias opções” (p.114).

Este ponto repercute em diversos aspectos. Embora não se possa antecipar uma decisão do jovem de “fixar-se” na terra, a responsabilidade do educador em relação à formação desse jovem que opta por uma vida na cidade por não ter acesso ao acervo material encontrado no mundo urbano, com certeza ameaça repetir o padrão e a cultura dominante (urbanocêntrica). O compromisso do educador é o de educar em busca da libertação. Ou seja, que os educandos sejam capazes de enxergar a realidade de forma crítica, que considerem suas vidas, suas relações de trabalho, lazer etc. como possibilidades de emancipação humana e de construção de uma sociedade diferente. Imbernón (apud GADOTTI, 2003, p.15) complementa, dizendo que o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social.

Ressalta-se a importância de discutir os mecanismos de poder e contestação, propondo um modelo de superação das contradições e desigualdades sociais, valorizando a contextualização de fatos e do resgate histórico. Nessa perspectiva, Freire (1987) contribui ao afirmar que:

Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. (FREIRE, 1987, p.87)

Procurou-se trabalhar em uma perspectiva transformadora com estes critérios de contestação e resgate da consciência crítica, de reconhecimento dos papéis na sociedade, das relações de forças e poder entre as classes sociais e o poder de atuação e transformação aplicadas ao seu cotidiano. Propostas alicerçadas pelas teorias progressistas da educação.

O curso e suas características

De uma forma geral, o curso de Agroecologia do qual se participou⁴ demonstra uma imensa proximidade com o MST. Ele traz fortemente as bandeiras de luta defendidas pelo movimento e procura enfatizar as metodologias organizacionais de trabalho e o acervo cultural valorizado pelo movimento.

O curso, de nível médio e técnico em Agroecologia, funciona no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, em Presidente Prudente situado no Pontal do Paranapanema, área marcada pelos conflitos relacionados à ocupação da terra (região situada no Oeste do estado de São Paulo).

A organização das tarefas é semelhante àquela realizada pelo movimento, seja na organização de coordenações ou até mesmo de distribuição de tarefas do cotidiano. Os jovens estão divididos em Núcleos de Base (NBs), onde existem dois coordenadores por etapa: um homem e uma mulher, seguindo o exemplo de organização do Movimento. Os núcleos sempre têm nomes figuras marcantes para o Movimento: “Paulo Freire”, “Rosa Luxemburgo”, “Che Guevara”, “Margarida Alves”, “Keno” e “Oziel”⁵.

Entre os próprios educandos realizam-se conferências a cada início de atividade, cobrando a disciplina e o compromisso de cada um dos estudantes do movimento. Para começar o dia eles se reúnem em frente à sala de aula, realizam gritos de ordem, lêem um poema, dão informes de reuniões ou discutem algum problema a ser resolvido; hasteiam a bandeira do movimento, cantam o Hino do MST e vão para a sala de aula em fila, simbolizando a marcha- uma de suas principais formas de luta.

As tarefas organizativas do curso também são divididas entre os educandos. Existem os setores de Comunicação, de Esporte e Lazer, de Cultura, nos quais são indicados responsáveis pela organização e materialização de atividades fora do período de aula, assim como o plantão e organização da biblioteca.

Os seminários são atividades do MST, organizadas aos finais de semana, para discutir temas necessários à formação dos jovens. Alguns dos temas abordados foram: História do MST, Biofertilizantes, Comunicação, Mística do MST, Cultura Popular, Legislação Ambiental e Metodologia em Pesquisa. Foram realizados debates, palestras e oficinas, com militantes do MST e convidados da coordenação. Estes temas foram discutidos entre a coordenação do curso e os educandos e sugeridos como atividades complementares.

⁴ Este curso, iniciado em setembro de 2007, tem previsão de término em 2010.

⁵ Estes três últimos, militantes do MST mortos em conflitos no campo.

Sem dúvida, essa forma de organização está intimamente ligada à formação da militância dos jovens, ao entendimento da forma organizativa do Movimento e à ideologia política defendida por eles.

Esta experiência foi o que mais se aproximou de uma auto-gestão da escola. A escola demonstrou muita autonomia, tanto em relação aos conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física quanto em relação ao projeto pedagógico do curso de agroecologia e à escolha dos professores para ministrar as aulas. Sem dúvida, a coordenação procurou e contratou professores com uma visão mais crítica da realidade, que conhecem e cultivam uma proximidade com os movimentos sociais e o próprio MST. Esta autonomia pode ser considerada como um avanço no que diz respeito à liberdade para contestação do sistema vigente, contribuindo para a valorização dos movimentos sociais marginalizados, que fazem parte da história de vida dos jovens, assim como podem se apresentar como um processo de alienação ou “militarização”. A intenção do MST não é a de alienação; porém, sua proposta só será válida quando houver uma preocupação com a consciência crítica, na qual os jovens formam suas próprias opiniões, através da assimilação da teoria com a realidade, sem que seja por um processo de incorporação de valores sem uma reflexão.

Neste tempo de convivência na escola levantou-se alguns pontos importantes sobre a Pedagogia da Alternância, a serem aprofundados para o aprimoramento da metodologia, muito defendida pelo MST e utilizada em seus diversos cursos. Um ponto positivo observado foi o fato dos jovens passarem muito tempo juntos, o que propicia a criação de laços afetivos muito fortes e faz com que eles vivenciem momentos informais de debates que acrescentam muito às suas experiências, contribuindo para formação humana dos jovens. Esta permanência na escola facilita o envolvimento deles com a participação e construção das decisões, da organização estrutural da escola, vivenciando momentos de auto-organização, liderança e trabalho em grupo, considerando-se parte da escola. Esta postura facilita com que os jovens se reconheçam como parte da construção de sua formação. Em diversos momentos eles se demonstraram muito compreensivos e superaram com maturidade as dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

Sem dúvida, este envolvimento está em constante construção. Estes jovens estavam acostumados com outra estrutura de escola e de convivência, por isso ainda estão começando um projeto maior de auto-gestão da escola.

Por outro lado, um problema encontrado nesta metodologia é o distanciamento da comunidade em relação à escola. Pelo fato de estar em outra cidade, problemas com o transporte são comuns e os pais se envolvem pouco com a formação do filho e da escola. Outro ponto importante a ser destacado é o tempo comunidade. Apesar de apresentarem-se propostas de trabalho para

esse período, considera-se um intervalo de três meses muito extenso.

Ao mesmo tempo em que os jovens amadurecem longe dos pais, passam por muitas dificuldades. Há um rompimento muito brusco com a família, uma vez que alguns jovens que nunca tinham dormido fora de casa vão passar três meses na escola. Apesar de ter uma equipe de coordenadores para acompanhar esse impacto causado por este distanciamento da família, existem jovens que não suportam isso. Este problema, associado a outros fatores - como adaptação ao ambiente, aos colegas, ao tempo prolongado e intenso de estudo - acaba por levar à desistência do curso. A presença de um psicólogo no curso seria uma medida importante para o desenvolvimento dos jovens.

Observou-se, também, que os motivos e objetivos dos jovens que fazem o curso são distintos. A grosso modo, partindo das observações e avaliações realizadas durante o período de trabalho pode-se classificar quatro categorias: 1. aqueles que estão fazendo o curso porque surgiu a oportunidade; 2. aqueles que querem estudar para “ter futuro” ou por exigências dos pais; 3. aqueles que querem conseguir um emprego; 4. aqueles que estão preocupados com o desenvolvimento do seu lote. Esta configuração surgiu depois de um tempo de aulas e convivência com os jovens.

Durante a convivência percebeu-se que alguns dos jovens demonstraram grande facilidade de liderança, qualidade valorizada pela coordenação, mais preocupada com a militância e com as políticas do movimento. Um segundo grupo, pequeno e composto por pessoas geralmente mais velhas (entre 22 e 45 anos), está mais preocupado com o lote. Opinaram que, por eles passarem três meses na escola, deixam o lote sem ter alguém para cuidar. Ao mesmo tempo, eles fazem planos de como organizar sua produção, considerando o tempo que estarão fora para estudar. Observou-se que esse grupo vê o curso de Agroecologia como alternativa para o desenvolvimento do seu lote e da sua comunidade. O terceiro grupo é aquele preocupado em conseguir um emprego quando se formar. Geralmente comentavam sobre os órgãos do governo, como ITESP e INCRA ou Cooperativas etc. O quarto e último grupo é composto por jovens que não tem clareza dos seus objetivos.

A primeira etapa

Foi feito o planejamento para duas etapas, sugestão dos coordenadores do curso. No total, somava 34 horas/aula. Na primeira aula foi aplicada uma avaliação inicial para saber o que os alunos entendiam por Educação Física, como foi a disciplina para eles, até então, e qual era o interesse deles nesta disciplina. Para isso apresentou-se a disciplina aos educandos, procurou-se conhecê-los através de dinâmicas de integração, aplicou-se a avaliação e terminou-se a aula com um jogo cooperativo para propiciar um momento de

descontração e maior proximidade entre eles e deles com os pesquisadores docentes.

O objetivo da avaliação era buscar o interesse dos educandos junto à Cultura Corporal. Finalizou-se com uma discussão em grupo, onde eles não falaram muito, talvez por receio unido ao desconhecimento. Sugeriu-se uma parte escrita, que tinha cinco perguntas: 1. Como foi a Educação Física na escola até hoje? 2. O que vocês esperam das aulas de Educação Física? 3. Quais as opções de lazer que vocês encontram no assentamento? 4. O que vocês gostam de fazer no tempo livre? 5. O que você entende sobre qualidade de vida?

No resultado da avaliação notou-se que os jovens não têm opção de lazer no campo. Muitos responderam enfaticamente que não têm nada para fazer; outros disseram que tem “futebol”, “andar a cavalo”, “tomar banho no rio”, “pescar” e “comemorações em datas pontuais”.

É necessário, então, o trabalho com o lazer, pois já se constatou, na bibliografia, a dificuldade que os jovens camponeses encontram em realizar o seu lazer. Isso está sendo um agravante nos assentamentos, pois é, entre outros fatores relacionados também à políticas públicas, um dos pontos fortes para o êxodo da juventude rural, pois estes vão procurar o lazer na cidade e acabam achando mesmo a cidade mais atraente para morar.

O planejamento foi feito para que se discutisse não só a questão do lazer na sociedade, como o acesso que eles têm ao lazer, o lazer como direito, como este se configura como cultura e como eles podem ser protagonistas das suas práticas de lazer em sua comunidade.

Planejamento⁶

Seguem, abaixo, a ementa e o planejamento proposto para a disciplina:

Ementa da disciplina

A Educação Física pretende proporcionar ao educando elementos para sua formação cidadã em busca de conhecimentos e valorização da própria cultura. Através da Cultura Corporal trabalhar o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, que serão de extrema importância para o domínio do corpo, base para o conhecimento e para a construção da personalidade. Utilizar a expressão corporal enquanto linguagem e estimular a produtividade de pensamentos criativos a fim de buscar no educando uma atuação autônoma e crítica da realidade.

⁶ Optou-se por apresentar na íntegra a proposta da disciplina para melhor compreensão do desenvolvimento das atividades do curso.

Objetivos

- Promover a interação e a inserção dos educandos nas práticas corporais.
- Incentivar a auto-organização dos educandos ao trabalho coletivo no que tange à Cultura Corporal.
- Compreender e analisar criticamente as diferentes manifestações da Cultura Corporal valorizando, apreciando e desfrutando dos seus benefícios.
- Reconhecer e valorizar do corpo quebrando os padrões estabelecidos pela mídia.
- Desenvolver consciência crítica em relação aos conceitos de saúde e lazer da classe trabalhadora .
- Desenvolver senso crítico aos valores estabelecidos, difundindo o modelo corporal defendido pela mídia.
- Instrumentalizá-los para usufruir da cultura corporal no tempo livre de lazer, resgatando o prazer enquanto aspecto fundamental para a saúde e melhoria da qualidade de vida.
- Favorecer o contato corporal consigo e com os outros, por meio de linguagens que favoreçam a expressão das idéias, sentimentos e crença pelo movimento.

Conteúdos

- Conceito e histórico do Lazer
- Discussão e materialização de elementos da Cultura Corporal como jogos, esporte, ginástica, dança, lutas etc
- Outros apresentados como necessidade no decorrer do curso.

Métodos de ensino

- O trabalho será realizado na forma de construção coletiva dos conteúdos. (aulas abertas às experiências)
- Aulas expositivas e trabalhos em grupo.
- Discussões de temas relacionados à Cultura Corporal.
- Prática de atividades corporais em grupo.
- Organização do encerramento da disciplina na forma de apresentação.

Avaliação

- Participação individual e em grupo dos educandos nas atividades propostas.
- Através do registro de aulas no caderno com a sistematização dos temas tratados no decorrer do curso.
- Elaboração e apresentação dos trabalhos propostos.

A experiência nas aulas

Foram trazidos para as aulas alguns conceitos de lazer, como e onde esta atividade se encaixa na Constituição Federal Brasileira e no Estatuto da

Criança e do Adolescente. Realizou-se também, um trabalho em grupo onde eles tinham que pensar na organização de um evento de lazer de acordo com a classificação dos conteúdos divididos por interesses, trazida por Marcelino (1996). Objetivou-se criar, distribuir e encaixar as práticas corporais aos tempos de lazer de acordo com os interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, turísticos e sociais.

Este trabalho foi interessante, pois eles utilizaram alguns dos conteúdos que pensaram e realizaram no Tempo de Esporte e Lazer – um período na grade horária destinada ao lazer. Ali foi possível a materialização daquilo que eles viram e estudaram nas nossas aulas teóricas.

Durante as outras aulas, realizou-se alguns jogos pré-desportivos, cooperativos e brincadeiras como alternativas para o lazer. Em todas as atividades discutiu-se na sala de aula antes de ir para a quadra. Depois, avaliava-se a participação da turma e o desenvolvimento da atividade. Quase todos os interesses foram contemplados. Para os interesses artísticos foi convidado um grupo teatral, que fez uma intervenção em aula. Eles apresentaram esquetes de comédia, seguidas de algumas dinâmicas de expressão corporal, que contou com muita participação da turma.

Discussão dos problemas de gênero encontrados na prática do futebol

Ao voltar para a segunda etapa continuou-se com as questões do lazer e da Cultura Corporal na sala de aula. Porém na avaliação final os alunos cobraram o futebol como parte da Educação Física, pois teria sido trabalhado. Assim, não se pode deixar de fora do planejamento um conteúdo de tamanha importância: o futebol, que é uma das manifestações culturais mais importantes em nosso país. Atividade de lazer muito presente, também, no cotidiano dos jovens. Um jovem da turma (rapaz) ressaltou a importância de discutir-se gênero. A partir daí, elaborou-se alguns jogos de futebol, com o intuito de fazer uma discussão onde se abordariam alguns pontos, como a posição da mulher em situação de opressão e compara-los com o cotidiano. Ressalta-se que, na turma de 62 jovens, somente 18 eram mulheres.

Discutiu-se, então, a organização da turma no Tempo Esporte e Lazer e a organização deles em jogos de futebol nas aulas de Educação Física. Fez-se uma discussão, ainda em sala de aula, com a proposta de que os grupos apresentassem proposições pertinentes aos jogos a serem realizados. Discutiu-se como a turma iria se organizar, a divisão dos times, as regras e até o tempo de cada jogo, considerando os períodos de aula e que todos tinham que participar dos jogos.

Após essa discussão, realizaram-se os jogos. Primeiramente, fez-se um aquecimento em conjunto e, depois, deixou-se que eles se organizassem.

Aconteceu uma seqüência de jogos, onde os times que ganhavam jogavam menos. Porém, eles não perceberam isso durante a atividade que durou algumas aulas.

Alguns educandos não jogavam por algum problema de saúde ou por não se sentirem à vontade para jogar. Esses jovens foram orientados a fazer um relatório das atividades observando os conflitos ocorridos e os problemas relacionados à organização - pois eles seriam os debatedores no encerramento da atividade, quando haveria uma discussão dos problemas e propostas para melhorar a organização da turma. De início não se obrigou a participação de todos nas atividades de práticas corporais. Notou-se, porém, a falta de costume dos jovens de praticar esportes e, principalmente, a relação deles com o próprio corpo e com as habilidades e capacidades motoras - como limitação para participar de algumas atividades. Isso foi quebrado no decorrer das aulas, pois um dos princípios nas aulas de Educação Física é a participação de todos e a inclusão no universo da Cultura Corporal.

Discutiu-se, em sala, os problemas encontrados. Os jovens que relataram foram mediadores da discussão. Foram levantados os problemas de organização e participação da turma perante as atividades. O debate foi feito com inscrições de falas e relatório, tendo os pontos principais colocados na lousa e depois separados em pontos bons e ruins. Estes pontos foram se desenvolvendo durante o debate entre os educandos. As pessoas colocavam espontaneamente seus sentimentos e sua avaliação com base nos fatos ocorridos durante as aulas. Durante o debate levantou-se os seguintes pontos ruins:

- exclusão
- individualismo, agressão verbal
- indisciplina
- machismo (o mais discutido)
- egoísmo
- falta de ética
- falta de compreensão

O esforço do professor foi mediar o debate, sempre chamando a atenção dos alunos para observar os fatos em um contexto amplo, comparando os acontecimentos ocorridos aos preconceitos e opressões que são encontrados na sociedade e reproduzidos em um jogo de futebol. Eles foram chamados a comparar o que acontecia todos os dias no Tempo de Esporte e Lazer e até mesmo na sua comunidade, pois, na avaliação diagnóstica, eles próprios falaram que só jogavam futebol como lazer quando estão nos assentamentos.

Discutiu-se, também, os pontos positivos desta atividade. Foi citada a distração, o divertimento que a atividade proporcionou à turma, a participação massiva no esporte em si. Foi comentado, também, que nesta discussão

algumas pessoas que nunca se manifestaram participaram ativamente.

No final da atividade os alunos ficaram surpresos com a quantidade de questões anotadas, coisas observadas durante os jogos de futebol. Acharam também que a discussão serviu para enxergarem todos os pontos ruins e a busca da superação, pois alguns deles disseram nunca terem identificado que poderiam acontecer tantas coisas em um simples jogo de futebol. Foi significativo, portanto, que eles puderam analisar criticamente a prática.

Após a análise do jogo, foram feitas propostas para outro tipo de atividade - a de uma ressignificação do esporte no tempo de lazer. O diálogo foi ressaltado como forma de entendimento para um melhor desenvolvimento da atividade. Foi proposto, então, uma conversa antes do jogo, para se entender, discutir a troca de jogadores para tornar o jogo mais democrático e, por isso, mais dinâmico. Com isso a competição ficaria mais nivelada, para haver emoção. O ganhar viria depois da diversão.

As propostas levantadas foram: 1. Formar times fora dos NBs, pela falta de pessoas e com o mínimo de duas mulheres; 2. Fazer uma conversa antes de jogar para se entender e se for preciso trocar jogadores; 3. Um jogo diferente onde somente as mulheres fazem gol; 4. Quando precisarem de jogadores, pegar uma mulher ou um jogador menos forte.

Estas quatro questões demonstraram o interesse dos jovens em construir um jogo mais democrático, com a participação de todos; e um jogo mais dinâmico, com a competição mais igual. Porém, ainda demonstraram, o preconceito com relação às mulheres.

A atividade que foi realizada logo após a discussão de gênero, na qual a relação com as mulheres foi muito debatida, mostrou-se interessante. A turma foi dividida em dois grupos: em um deles ficaram os jovens que não admitiam jogar futebol com mulheres; aqueles que as defendiam ficaram em um outro grupo, junto com elas. A atividade foi uma espécie de ginástica de relaxamento, com expressão e contato corporal entre os integrantes do grupo. Durante a atividade, os meninos se deparam com uma situação que fizeram eles refletirem sobre sua postura em relação às mulheres - não só no jogo de futebol, como em qualquer outra atividade.

Esta atividade não foi uma espécie de punição aos jovens que estavam questionando a participação das mulheres no jogo de futebol, embora esta se mostrou mais desagradável a eles. Foi uma atividade onde eles puderam refletir sobre sua aceitação das mulheres nas atividades de Educação Física. Uma reflexão que aponta para o fato deles determinarem onde as mulheres podem ou não participar. Neste caso, como houve contato corporal como massagens e abraços, os jovens que rejeitaram as mulheres no campo notaram que estavam sem parcerias femininas e reivindicaram a presença das mulheres. A partir daí, discutiu-se esta diferença no futebol, na ginástica e as posições do homem e

da mulher em relação à Cultura Corporal. Acredita-se que a visão deles, em relação a isso, foi modificada.

A avaliação

A avaliação está muito ligada à concepção de educação e de metodologia utilizada nas aulas. Uma metodologia de avaliação que se situasse no que foi exposto neste texto foi a avaliação de concepção progressista, no qual o professor faz diagnósticos e considera a capacidade de aprendizagem do aluno; onde este se auto avalia. A avaliação é contínua e serve para reorientação do processo, uma vez que o professor deve se auto avaliar e reformular a intervenção, caso seja preciso.

Foi muito difícil quantificar a participação e o entendimento dos educandos. Para avaliar levou-se em consideração a participação deles nas atividades, nos debates e nas contribuições das atividades em grupo. Na primeira etapa, foram levantados os pontos-chave das discussões em sala de aula, através de uma auto-avaliação. O principal foi avaliar a assimilação dos alunos na disciplina e o que eles tinham a contribuir para a próxima etapa.

A avaliação contou com cinco exercícios, que eles puderam responder em dupla: 1. O que vocês entendem por lazer? 2. Por que o lazer é importante? 3. Faça uma avaliação do grupo em relação à participação nas aulas e o tempo Esporte e Lazer. 4. Faça uma avaliação quanto sua participação nas aulas. 5. Críticas e contribuições ao conteúdo ministrado na disciplina.

Com esta avaliação percebeu-se a dificuldade que os educandos encontraram para unir o que discutiram na sala de aula com o que realizaram na quadra.

Na segunda etapa, como era um momento de encerrar o conteúdo planejado, levantou-se tópicos que eles deveriam abordar em um texto de avaliação geral da disciplina. Os tópicos foram o seguinte: 1. O conteúdo das aulas; 2. A didática da professora; 3. A participação da turma; 4. O desenvolvimento das atividades; 5. A própria participação.

Na correção, levou-se em consideração o desenvolvimento das idéias, como eles avaliaram as aulas e se conseguiram colocar no papel as impressões que tiveram durante as atividades propostas. O principal fator foi a assimilação do trabalhado nas aulas com o que acontece no seu cotidiano, na sua comunidade - que não tem acesso ao lazer e que, talvez, não tenha consciência de que o lazer é um direito de todos. Também foi avaliado como a Cultura Corporal pode e deve ser ressignificada nesse ambiente.

Os resultados foram muito mais amplos do que o esperado. Os alunos abordaram, na avaliação, muitos pontos significativos das aulas: a questão da participação, do lazer como direito, da organização da comunidade para o

lazer, a questão do gênero e da valorização da cultura popular.

Reproduz-se, aqui, alguns trechos das avaliações da segunda etapa, nas quais os educandos demonstram reflexões feitas nas aulas de Educação Física⁷:

“A professora quebrou o tabu de que mulher não pode jogar com os homens e quem não sabe jogar ela colocava e a gente brincava”.

Cesar Jander da Silva.

“Com estas atitudes passei a ver que a professora se superou com relação a essas atitudes fazendo que os alunos mudassem sua visão com respeito as meninas”.

“Foi gratificante o envolvimento e a melhor relação entre os alunos que foi a professora que conduziu”.

Bertoni

“Com a professora não tem esse negócio de se sabe ou não brincar”.

Aguinaldo Alves de Lima

“As dinâmicas são muito boas pois elas todas tem um objetivo, e o principal objetivo é trabalhar a turma toda sem excesso”.

Hellen Ayres Paes

“Foram aula boa com diversidade de exercício continuidade esporte brincadeira descontração companheirismo parceria trabalho em grupo e dividi tarefas entre si”.

Claudinei Pereira

“Foi realizado um debate do que ia ser feito na hora do jogo, isso foi bom para refletirmos bastante nisso, mas teve ainda alguns alunos que não entenderam esse debate”.

Gerson da Silva Souza

“...da etapa passada para essa tive uma grande melhora, na etapa passada eu não aceitava de jeito nenhum fazer outra coisa a não ser jogar futebol, nessa etapa eu até apoiava as brincadeiras”.

Thiago Aparecido da Silva

⁷ Nesta etapa do estudo ainda não foi realizada uma análise mais aprofundada dos depoimentos dos alunos.

“Bom sobre as aulas de Educação Física da professora Juliana, nós aprendemos muitas coisas, ela nos mostrou que EF não é só jogar bola, tem muito mais coisas, como por exemplo danças, brincadeiras, ginástica, expressão corporal etc....resumindo EF é cultura...”

Joeder Lopes Tomas, Jackeline Cristina de Souza Oliveira

“(...)ela também nos mostrou a desigualdade entre homem e mulher, isso foi muito bom porque ninguém nunca imaginou que uma aula de Educação Física nós iríamos discutir sobre a desigualdade entre homem e mulher”.

Jackeline Cristina

“As atividades teve um grande desenvolvimento pois no começo os meninos nem sempre gostavam de jogar com as meninas, depois a professora fez uma aula que eles mudaram em relação ao comportamento com as meninas(...)”

Nota-se, nos relatos, a mudança em relação à opinião que tinham em participar das atividades práticas, assim como a quebra do paradigma de que a Educação Física é somente futebol. Um outro fator marcante foi a reflexão sobre a relação com as mulheres que, segundo eles, mudou e os fez pensar a partir do jogo de futebol. A importância do diálogo para qualquer organização e o trabalho em grupo também foram avanços proporcionados pelas aulas de Educação Física.

Trabalho no tempo comunidade

Como já explicitado antes, o curso funciona com a metodologia da alternância, na qual existe o tempo comunidade. Os jovens passam três meses no local onde residem e fazem trabalhos ali. Ao final da segunda etapa avaliou-se que eles estavam preparados para realizar um trabalho referente à disciplina no tempo comunidade. Objetiva-se avaliar se eles já tem subsídio o suficiente para entender a dinâmica da autonomia e de reivindicação do lazer como direito no seu cotidiano.

Foi solicitado que eles realizem um trabalho, no qual vão se organizar em grupos para realizar um evento de lazer nos assentamentos ou acampamentos em que moram. Eles deverão buscar alternativas de lazer e envolver a comunidade. O trabalho será entregue na próxima etapa em forma de relatório⁸.

⁸ Optou-se, aqui, por apresentar “em estado bruto” alguns trechos mais interessantes.

Roteiro para o trabalho no tempo comunidade:

Objetivo

- Organizar um evento de lazer no assentamento ou acampamento
- Envolver a comunidade
- Procurar alternativas de lazer no campo

Metodologia

- 1º Grupo de educandos que moram no mesmo assentamento ou acampamento.
- 2º Reuniões para elaborar e organizar o evento de lazer (pode ser qualquer tipo, utilizem o conteúdo das aulas teóricas sobre lazer)
- 3º Fazer atas de todas as reuniões (na ata deve conter data, pessoas presentes, local e o que foi discutido e decidido na reunião)
- 4º Fazer a divulgação do evento
- 5º Registrar o evento (através de fotos, lista de presença, depoimento das pessoas etc...)
- 6º Apresentar na terceira etapa um relatório contendo:
 - as características da atividade,
 - a justificativa do evento (por que vocês pensaram e realizaram este tipo de atividade),
 - quantas pessoas compareceram e qual foi a repercussão no assentamento e um relato individual dizendo o que achou da atividade.
- 7º Entregar junto com o relatório as atas e os registros feitos durante o evento.

Considerações finais

Nesta experiência, observou-se que existem muitas peculiaridades no curso de Agroecologia do MST – diferenciando-o dos cursos tradicionais. Isto começa pela metodologia da Alternância, passando pela organização e disciplina até o planejamento das atividades. Ressalta-se que a participação ativa de uma organização, como o MST, no planejamento e na execução das diversas tarefas do curso fazem muita diferença na formação dos educandos e no “desenvolvimento integral do ser humano” – algo que o movimento tanto defende.

Constatou-se que as aulas de Educação Física foram importantes para uma reflexão acerca do tempo livre e do lazer, das relações interpessoais e, principalmente, em relação às mulheres. O contato com a Cultura Corporal, associada à reflexão crítica e à discussão, trouxe o reconhecimento da possibilidade de contestação e auto-organização em relação ao lazer, além da mudança de opinião em relação à Cultura Corporal como possibilidade de lazer e cultura.

Considera-se, também, que, embora forma percebidos avanços, o curso ainda necessita de aprimoramento e apoio pedagógico, uma vez que é a primeira turma de Agroecologia. Contudo, dessa experiência surge a esperança e convicção de que a mudança é possível, que ela pode acontecer através da reivindicação e participação popular. Quando a educação se confunde com o processo de humanização, em busca da consciência crítica para construir uma sociedade diferente, mais humana e igualitária, este processo se faz carregado de perspectivas.

Referências

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**: o fim dos vestibulares. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1 n.1 p.73-81, 2002.

BEZERRA NETO, L. **Sem Terra aprende e ensina**: estudos sobre as práticas educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ESCOBAR, M.O.; TAFFAREL, C.Z. A cultura corporal. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Curso intensivo e seminário interativo educação física proposições pedagógicas superadoras na escola**. Salvador: FAGED, p.1-6. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar- e- aprender com sentido. São Paulo, SP: Ghubhas, 2003.

LIMA, A.P; OLIVEIRA, M.P.; GOMES; N.B.; ALMEIDA, S.T. **A construção social da adolescência face a determinações do capitalismo contemporâneo**. 2005. Monografia (Bacharelado em Serviço Social). Faculdades Integradas “Antônio Eufrasio de Toledo”, Presidente Prudente.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MEDINA, J.P.S. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 3. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

Projeto Pedagógico do Curso Médio Integrado ao Técnico em Agroecologia. Faculdade de Engenharia Agrícola – FEAGRI / Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2006. (mimeo)

TAFFAREL, C.Z.; TEIXEIRA, D.R. **Cultura Corporal e território como complexo temático na formação de professores**: Uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/542.htm. Acesso em: 11 de junho de 2006.

WHITAKER, D.C.A.; SOUZA, M.F. A permanência dos jovens nos assentamentos de reforma agrária: um rosário de equívocos. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, Nupedor/Uniará, n.10, 2006.